

AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA E DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O COTIDIANO

Maria Beatriz Junqueira Bernardes
Valéria G. de Freitas Nehme
Marlene T. Muno Colesanti

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância do Ensino de Geografia em consonância com a prática da Educação Ambiental. No decorrer do texto, conceituamos meio ambiente e estabelecemos sua relação com a Educação Ambiental e o Ensino de Geografia. Concluímos que o Ensino de Geografia deve priorizar o processo de (re)organização do espaço geográfico, valorizando as mudanças de atitude, a solidariedade, o sentimento de pertencimento que contribuirão para a sustentabilidade planetária.

Palavras-chave: educação, meio ambiente, geografia.

CONTRIBUTIONS OF GEOGRAPHY AND ENVIRONMENTAL EDUCATION TO OUR LIVES

Abstract

The purpose of this article is to reflect on the importance of the teaching of Geography integrated with Environmental Education *praxis*. We conceptualize environment and establish its relation with Environmental Education and the teaching of Geography. We concluded that the teaching of Geography should prioritize the process of (re)organization of the geographical space, and should value changes in attitude, solidarity, and the sense of belonging that will contribute to our planet sustainability.

Key-words: education, environment, geography.

Introdução

O ensino de Geografia precisa contribuir para evidenciar a importância de cada indivíduo no contexto social em que está inserido. Poderemos, assim, formar cidadãos conscientes e capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro, pois exercer a cidadania é ter o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações entre a sociedade e natureza formam um todo integrado, do qual fazemos parte. Precisamos, portanto, perceber-nos como participantes, responsáveis e comprometidos historicamente com os valores humanísticos.

Não podemos deixar de ressaltar que, para a Geografia, o ambiente compreende o espaço que deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e, de outro, a vida que os preenche e os animais, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1988).

Atualmente, os problemas ambientais são graves e exigem respostas imediatas. À Geografia cabe a tarefa de reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o meio ambiente. Na vida moderna, tudo acontece como se não existisse ambiente, ou melhor, como se vivêssemos fora de um ambiente. Essa situação pode muito bem ser explicada pelo enraizamento de nossa cultura, em nosso próprio modo de ser e estar no mundo. (GRÜN, 1996)

Infelizmente, a modernidade alimenta a ilusão de um presente puro sem raízes históricas. Dessa maneira, a degradação ambiental é fruto de um conjunto de padrões culturais construídos. Segundo ELY (1986, p. 4-5)

Uma das principais características do meio ambiente diz respeito ao princípio e ao caráter interdisciplinar que o coloca como uma ciência integradora das demais ciências, quando sua principal preocupação é a qualidade de vida do cidadão. É o que realmente importa para uma sociedade estável e pacífica. O mundo científico busca uma consolidação integrada através da ciência do meio ambiente, onde cada ciência individual tem uma importante contribuição para o aprimoramento da qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida. Isso vem confirmar que o esforço do homem para o desenvolvimento científico, seja através das ciências exatas, seja através das ciências biológicas ou das agrárias e humanísticas, etc., tem apenas uma razão de ser. Contribuir para a melhoria de vida e bem-estar social do homem. É nesse contexto que cresce a importância do papel da ciência do meio ambiente no esforço do homem de integrar e consolidar

o mundo científico para a mais digna aspiração humana. A qualidade do meio ambiente é, portanto, não uma questão exclusiva de ecologistas, biólogos ou conservacionistas. Ela é igualmente importante para o físico, o matemático, o engenheiro, o médico, o agrônomo, o jurista, o sociólogo, o político, o economista, etc. Não existem soluções puramente ecológicas, biológicas, jurídicas, agro-nômicas ou políticas, pois o meio ambiente, além do seu físico (solo, água, ar), também é social e psíquico e está inserido numa estrutura político-econômico-social. O mundo que cerca o homem é um mundo complexo, onde o físico, o social e o psíquico se integram e constituem o ambiente no qual ele se desenvolve.

A Geografia, durante um longo período, teve como objetivo a descrição e a localização dos lugares. Somente a partir do século XIX, as perguntas do tipo onde? e o quê?, ou seja, a localização e a descrição deixaram de ser tarefas essenciais dos geógrafos, que se concentraram na busca dos princípios gerais para explicar a organização do espaço, das sociedades. Enfim, os aspectos humanos passaram a ser tema de interesse para a ciência geográfica.

No momento presente, a Geografia, devido a sua dimensão investigadora, tem um forte desenvolvimento e uma grande pluralidade de campos. Ela constitui uma disciplina básica dentro do sistema educativo, pois a dimensão espacial dos processos socioeconômicos é a contribuição que a Geografia outorga à formação da cidadania.

O desafio da ciência geográfica é conseguir atuar como mediadora e esclarecedora para despertar na sociedade, por meio da prática educativa, a sensibilização para a preservação da natureza e sua utilização com responsabilidade, pois fazemos parte de uma comunidade planetária. Nesse sentido, o Ensino de Geografia deve contribuir para que o aluno compreenda o processo de organização do espaço. A Geografia deve assumir ativamente o seu papel e oferecer à sociedade todo o seu potencial, objetivando integrar os seres humanos e a natureza para utilização dos recursos de forma democrática, numa dinâmica que se revele sustentável, que permita aos homens de hoje satisfazer suas necessidades sem comprometer as gerações futuras.

A Geografia, por meio de um trabalho interdisciplinar, deverá contribuir para estimular um trabalho pedagógico de transformar a realidade, bem como desenvolver um saber geográfico a partir de um processo em que possa efetivamente construir uma outra visão de mundo, objetivando a construção da cidadania, de modo que o educando possa compreender o espaço em que vive, ou seja, em âmbito local e

global, com o intuito de contribuir para a construção de um novo paradigma.

A educação ambiental perpassa por todas as áreas do conhecimento e deverá ser enfocada pelo ensino de Geografia como uma ação educativa presente, de forma transversal e interdisciplinar, articulando o conjunto de saberes, formação de atitudes e sensibilização ambiental para que as gerações futuras venham a ter condições de sobreviver utilizando os recursos da natureza. Por isso, Reigota (1995, p. 10) defende que:

a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só à utilização racional dos recursos naturais (...), mas basicamente à participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.

A Geografia constitui, portanto, um conhecimento que deve ser utilizado como instrumento de ação, reflexão e de um saber pensar o espaço. Para Lacoste (1988), a razão de ser dessa ciência é melhor compreender o mundo para transformá-lo. Ela deve deixar de ser simplesmente a ciência dos dirigentes e das elites e, efetivamente, passar a ser uma ciência a serviço da humanidade para garantir a vida no planeta, confirmando-se, assim, a sua razão de ser, “que é a de tomar conhecimento da complexidade das configurações do espaço terrestre”. Assim, os indivíduos conhecerão o seu meio ambiente e sentir-se-ão responsáveis por ele. O compromisso de cada um dos habitantes do planeta Terra é essencial e insubstituível para a implementação das mudanças radicais e necessárias que o momento exige.

1. O meio ambiente, a Educação Ambiental e o Ensino de Geografia

A Geografia Tradicional limitou-se à apreensão dos fatos referentes ao espaço, descrevendo-os, enumerando-os, como se cumprissem com a tarefa de um trabalho científico. Por esta razão, a Geografia tão almejada pelos geógrafos, na prática, sempre se restringiu aos compêndios enumerativos e exaustivos, de triste memória para os estudantes. (CAVALCANTI, 1998)

Nessa concepção, ficou evidenciada a idéia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, tanto para as humanas como para as naturais. O homem iria aparecer como um ele-

mento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como um fenômeno da superfície da Terra.

O empírico, valorizado pelo Positivismo, traduziu-se de diversas formas na Geografia, dentre as quais, os vários procedimentos como a observação, a classificação e a generalização. O problema era que não se questionavam tais procedimentos, e o pesquisador descrevia os fatos *a priori* tidos como objetivos. Era essa objetividade que deveria ser apreendida pelo geógrafo sob a forma da descrição.

Assim, por um longo período, a Geografia revestiu-se de neutralidade explicando apenas os aspectos físicos e o homem era visto de maneira separada, pois não era considerado como participante das ações e responsável por elas. Enfim, a concepção positivista reforçava a idéia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, tanto para as humanas como para as naturais. O homem só apareceria como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como um fenômeno da superfície da Terra.

Fica evidente, dessa maneira, que a Geografia, nesse contexto, não respondia às exigências da sociedade, pois o seu ponto de partida deveria ser a sociedade em que vivemos, ou seja, as relações sociais que os homens estabeleceram/estabelecem entre si e com a natureza.

A Geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural). Aí surge a grande problemática epistemológica e metodológica desta ciência. Analisar os processos que se desenvolvem na natureza e na sociedade, individual e conjuntamente, é tarefa árdua e exige grande competência. Analisar ou trabalhar somente os fenômenos sociais, esquecendo-se do espaço físico sobre o qual eles se desenvolvem, é tão incompleto do ponto de vista geográfico quanto analisar ou trabalhar o quadro físico de um lugar sem considerar as ações e relações humanas em seu contexto.

Para a garantia de um ambiente saudável em nossa sociedade, precisamos de uma educação que repense os valores que regem o agir humano em sua relação com a natureza. Entendemos que a natureza é vista, em nossa sociedade, como um objeto a ser dominado por um sujeito – o homem. De acordo com essa visão tradicionalista, a natureza se configura como um objeto e o homem como sujeito usurpador. No entanto, nem todos os homens são proprietários da natureza. (GONÇALVES, 1989). É preciso resgatar alguns valores que foram reprimidos ou, até mesmo, deixados de lado pela tradição dominante do racionalismo cartesiano.

Cabe ressaltar que a Geografia surgiu em um contexto marcado por uma tradição naturalista. A superação entre a dicotomia sociedade e

natureza passou a evidenciar as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza.

O atual período técnico-científico da história da humanidade interfere para além do econômico na organização da sociedade, confere novos significados aos indivíduos e à vida social, produz novas formas de ver e sentir o espaço. As mudanças vivenciadas no contexto da sociedade globalizada têm influenciado o ensino de Geografia nas escolas, pois esta disciplina tem a preocupação de fornecer subsídios para que o aluno possa entender o mundo e inserir-se nele, e assim dar sentido ao seu dia-a-dia.

Novos valores e atitudes devem ser adotados para despertar, em cada indivíduo, o sentimento de pertencimento, participação, solidariedade e responsabilidade na busca de respostas locais e globais para a crise que enfrentamos. De acordo com GRÜN (1996, p. 23)

Uma das principais causas da degradação ambiental tem sido identificada no fato de vivermos sob a égide de uma ética antropocêntrica. No sistema de valores formado em consonância com essa ética, o Homem é o centro de todas as coisas. Tudo o mais no mundo existe unicamente em função dele. O Homem é o centro do mundo...

Dessa maneira, o ensino de Geografia deve priorizar os momentos para análise da (re)organização espacial, bem como as transformações concretas e visíveis produzidas no meio ambiente, tais como crescimento acelerado e desorganizado das cidades, ampliação das fronteiras agrícolas, desmatamentos, enfim, todas as modificações provocadas por uma sociedade. Esta proposta, que tem como intuito trabalhar as categorias da Geografia e também partir da realidade do educando, priorizará o seu espaço de vivência, o que, conseqüentemente, dará significado ao dia-a-dia.

Eis aqui a importância do papel da Geografia em consonância com a práxis da Educação Ambiental, ao evidenciar a sustentabilidade sob uma ótica crítica voltada para uma prática transformadora da sociedade calcada em valores humanísticos.

A educação ambiental perpassa por uma necessidade da sociedade atual, mas sua continuidade depende da pertinência das nossas respostas aos desafios que surgem nas escolas, nas florestas, nos sindicatos, nas empresas, nas universidades, nos museus, nas ruas, etc, para que se torne intrínseca ao nosso dia a dia.

As causas da degradação ambiental e da crise na relação sociedade/natureza não se devem apenas ao uso indevido dos recursos

naturais do planeta, mas também à nossa relação com o ato de produzir e consumir.

Para a ciência geográfica, entre o homem e o lugar existe uma dialética, ou seja, um constante movimento, pois o espaço contribui para a formação do ser humano, e o homem, com seus gestos, sua intervenção, seu trabalho e suas atividades, poderá transformar o espaço de modo ético. Assim, o espaço e as próprias percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social.

2 – O agir humano e a construção do espaço vivido

Até por volta de 1500, a visão que predominava no mundo, especialmente na Europa, era de comunidades pequenas e coesas que tinham uma relação bastante harmoniosa com a natureza. Nesse aspecto, CAPRA (1982, p. 49) ressalta:

A natureza da ciência medieval era muito diferente daquela da ciência contemporânea. Baseava-se na razão e na fé, e sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercera predição ou o controle. Os sistemas medievais, investigando os desígnios subjacentes nos vários fenômenos naturais, consideravam do mais alto significado as questões referentes à Deus, à alma humana e à ética.

A visão de mundo que temos hoje é reflexo da influência recebida nos séculos XVI e XVII. Dessa maneira, deparamo-nos com um grande desafio. É na natureza que encontramos a principal fonte de nossa sobrevivência, mas por outro lado, ao explorá-la sob o princípio imediato do lucro e do livre mercado, estamos assim comprometendo as gerações futuras e a estabilidade dos ecossistemas. A realidade mostra evidências de deterioração ambiental e de desrespeito ecológico econômico e político de uma sociedade. Nesse sentido, RATTNER (1999 p. 217) enfatiza que

Para entender a crise global que enfrentamos no limiar do século 21, temos que ir além da análise econômica e política convencional e colocar os desafios do desenvolvimento no contexto histórico e filosófico apropriado. Se os problemas que afligem a humanidade podem ser traçados em sua origem até nossos padrões de comportamento, valores e estilo de vida, então o conceito e a dinâmica da cultura tornam-se elementos ou dimensões essenciais para o diagnóstico e prognóstico de meios e caminhos para mudar estruturas e funções de nosso sistema social.

A cultura é um sistema integrado de valores, crenças e regras de conduta adquiridas pelo convívio social e que determina e delimita quais são os comportamentos aceitos por uma dada sociedade. O sistema de valores e crenças comuns criam uma identidade entre os membros da sociedade baseada na sensação de fazer parte de um grupo maior. Nas diversas culturas, é possível perceber que as pessoas têm identidades diferentes porque esposam conjuntos diferentes de valores e crenças. (CAPRA, 2002)

Nossas atitudes demonstram que a natureza é um objeto a ser dominado por um sujeito, o homem; no entanto, nem todos os homens são proprietários da natureza. A visão tradicional em que a natureza é vista como objeto e homem como sujeito teve início com Platão e Aristóteles ao desprezarem as pedras e as plantas e darem mais importância ao homem e às idéias.

Atualmente, a natureza se contrapõe ao psíquico, ao anímico, ao espiritual. Com o Cristianismo, Deus sobe ao céu, Deus é perfeito e o mundo, imperfeito. Na Idade Média, ocorre a separação entre espírito e matéria. Com Descartes, a oposição entre homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objeto passa a influenciar o pensamento, chegando até nossos dias. A Filosofia cartesiana enfatiza que os conhecimentos são úteis à vida, vê a natureza como recurso, meio para se atingir um fim e o homem está no centro sendo, conseqüentemente, o possuidor da natureza. O pensamento cartesiano mostra-se utilitarista e o antropocentrismo não pode ser visto desvinculado do mercantilismo. Na Idade Média, a riqueza dos senhores feudais e da Igreja é a terra, tudo que ela possa oferecer. Em um outro momento, a burguesia vai depender da técnica, a natureza não é mais vista como Deus e, assim, poderá ser utilizada e até mesmo esartejada.

...A divisão cartesiana entre a mente teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental. Ela nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes “dentro” dos nossos corpos; levou-nos a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual; habilitou indústrias gigantescas a venderem produtos – especialmente para as mulheres – que nos proporcionam o “corpo ideal”, impediu os médicos de considerarem seriamente a dimensão psicológica das doenças e os psicoterapeutas de lidarem com o corpo de seus pacientes. Nas ciências humanas, a divisão cartesiana redundou em interminável confusão acerca da relação entre mente e cérebro e na física tornou extremamente difícil aos fundadores a teoria quântica interpretar suas observações dos fenômenos atômicos... (CAPRA, 1982, p. 55)

No século XIX, o grande triunfo foi do mundo pragmático, a natureza sendo cada vez mais objeto a ser possuído e dominado, a ciência subdividida em física, química e biologia e o homem, em economia, sociologia, história, geografia, psicologia, etc. Assim, a divisão social e técnica faz parte do mundo concreto dos homens e não pensar de modo fragmentado, dicotomizado passa a ser cada vez mais difícil. A idéia de natureza objetiva e exterior ao homem pressupõe a idéia de homem não-natural e fora da natureza.

Vivemos uma situação curiosa e ao mesmo tempo muito difícil. Desenvolvemos uma visão de que tudo existe em função do homem. Para atender às necessidades, aspirações, sonhos e fantasias do ser humano, tudo é possível. Os animais existem para alimentar as pessoas, os rios apenas para fornecer água para nós. É uma visão utilitarista e apropriadora dos recursos naturais, que considera que a natureza não tem valor em si, ela é um valor referido ao homem. A grande contribuição do movimento ecológico foi afirmar que nada existe separadamente, que todas as coisas estão interligadas. O ar que respiro me faz viver, mas também viver todos os outros seres. Isto coloca uma indagação sobre o valor do conjunto das coisas. É preciso criar uma ética que considere todos os seres, na sua diversidade, como parte de um mesmo mundo que precisa ser respeitado. Esta é uma questão nova ainda não devidamente desenvolvida. (FAJARDO, 2003, p. 59)

Podemos afirmar que o rompimento do homem com a natureza tem causado danos incalculáveis à nossa comunidade planetária. As atividades econômicas estão produzindo uma multiplicidade de conseqüências desastrosas como desigualdade social, o fim da democracia, a deterioração rápida e extensa do ambiente natural, o aumento da pobreza e a alienação. Nós, seres humanos, pertencemos a duas comunidades: todos somos membros da raça humana e todos fazemos parte da biosfera global.

O ser humano criou um “complexo de Deus”. Comportou-se como se fora Deus. Através do projeto da tecnociência pensou que tudo podia, que não haveria limites à pretensão de tudo conhecer, de tudo dominar e tudo projetar. Essa pretensão colocou exigências exorbitantes a si mesmo. Ele não agüenta mais tanto desenvolvimento que já mostra seu componente destrutivo ao ameaçar o destino comum da Terra e de seus habitantes. (BOFF, 1999, p. 21).

A Terra grita por socorro, pois a lógica que explora os indivíduos e submete-os aos interesses de poucos é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas, sem a menor preocupação com o restante da humanidade e para com as gerações futuras. Nesses últimos séculos, o ser humano sente-se só, mesmo com inúmeras conquistas, pois se depara com um universo considerado inimigo a ser submetido e domesticado.

Nossas atitudes demonstram que pensamos em uma Terra com recursos inesgotáveis. No entanto, a tomada de consciência da crise leva a crer que esse modelo de riqueza material, de bens e serviços a serem desfrutados na curta passagem por este planeta já não se sustenta.

O esgotamento dos recursos está se dando exatamente porque, em alguns lugares, o modelo de produção que parece infinita deu “certo”. Desse modo, o desenvolvimento e sustentabilidade são aspectos contraditórios do processo. Onde deu mais certo a produção de mais e mais mercadorias é onde mais se destruiu a natureza. (RODRIGUES, 1998, p. 135)

A base da educação moderna está na cisão cartesiana entre a natureza e cultura, e é um grande obstáculo para o sucesso de uma educação ambiental profícua. Levar, pois, adiante a preservação ambiental permeada pelo paradigma cartesiano é praticamente impossível. Assim, as instituições de ensino não podem ser responsabilizadas pela crise ecológica, mas estão ajudando na sua manutenção, uma vez que a degradação ambiental deve-se à incapacidade de elaborar um discurso capaz de superar a distinção criada entre a natureza e cultura.

Estamos, pois, diante de um modelo que nos leva a uma maneira de viver “imposta” que, por sua vez, tem origem na produção capitalista. Trata-se da agregação social formalizada por meio de bens culturais fetichizados e, sob este domínio, a sociedade se converte em objeto. A indústria cultural se opõe ao processo emancipatório, pois os indivíduos são assim induzidos a repetir “modelos” tidos como corretos.

As dificuldades de emancipação, nos dias de hoje, são impossibilitadas em virtude da organização de mundo permeada por semicultura. Hoje, nenhuma pessoa pode existir na sociedade vigente, conforme suas próprias determinações, ela vê-se ilhada em situações provocadas por um modelo que exige modelos pré-definidos. (ADORNO, 1995)

Educação significa emancipação. Emancipação da situação atual onde os homens cada vez mais perdem o contato com a possibilidade do exercício da autoconsciência, e se transformaram em produtos semiculturais. (ZUIN, 1997 p 122)

Assim, a educação deve ser dirigida a uma auto-reflexão crítica e a produção de uma consciência verdadeira e não a modelagem de mentalidades. Para que aconteça a democracia, necessitamos de pessoas emancipadas. Emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade, a sua orientação no mundo. (ADORNO, 1995)

Quando olhamos para o mundo à nossa volta, percebemos que não estamos lançados em meio ao caos e à arbitrariedade, mas que fazemos parte de uma ordem maior, de uma grandiosa sinfonia da vida. Cada uma das moléculas do nosso corpo já fez parte de outros corpos – vivos ou não – e fará parte de outros corpos no futuro. Nesse sentido nosso corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua. ... Com efeito, nós fazemos parte do universo, pertencemos ao universo e nele estamos em casa; e a percepção desse pertencer, desse fazer parte, pode dar um profundo sentido à vida. (CAPRA, 2002, p.82)

Considerações finais

Com o trabalho, o homem modifica o espaço natural transformando-o de todas as maneiras, provocando danos que para muitos parecem ser irreparáveis, pois suas atitudes são as de quem está diante de uma Terra com recursos infinitos. Infelizmente, as questões ambientais não estão limitadas às transformações provocadas pelos seres humanos na natureza; estão relacionadas ao próprio espaço construído, espaço artificial onde as questões sociais, como o desemprego, a desigualdade social, o analfabetismo, são responsáveis pela qualidade de vida da população.

Cabe à Geografia, a ciência que estuda as relações entre o homem e o meio ambiente, procurar devolver à sociedade respostas para a questão dos problemas socioambientais, decorrentes da ação dos seres humanos em seu espaço de vivência.

A Educação Ambiental deve ser mediadora entre a esfera educacional e o campo ambiental, dialogando com os novos problemas gerados pela crise ecológica e produzindo reflexões, concepções,

métodos e experiências que visam à construção de novas bases de conhecimento e valores ecológicos para esta e para as futuras gerações.

No contexto da educação ambiental, a escola, todos os conteúdos e o papel do educador e educandos são colocados em uma nova situação, não apenas relacionada com o conhecimento, mas, sim, com o uso que fazemos dele e de sua importância para a nossa participação política cotidiana.

A Educação Ambiental poderá gerar mudanças na qualidade de vida e tornará a conduta pessoal harmônica entre os seres humanos e destes com outras formas de vida. Poderá, de forma individual e coletiva, formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações. Propiciará para cada comunidade a retomada da condução de seus próprios destinos. E, também, desenvolverá uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta.

E à geografia como ciência, que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, cabe a tarefa de levar o aluno a perceber-se como participante do espaço que estuda, e os fenômenos ali ocorridos como resultado da vida e do trabalho do homem. E à Educação Ambiental, cabe o fortalecimento de uma ética que articule as sensibilidades ecológicas e os valores emancipadores, contribuindo para a construção de uma cidadania ambientalmente sustentável.

Dessa maneira, somos convocados a estabelecer um novo pacto, um contrato natural, para construirmos uma cultura ecológica que compreenda a natureza e a sociedade como dimensões interrelacionadas.

Precisamos ser sujeitos críticos em um mundo que nos desafia, inquieta-nos e, assim, poderemos adotar novas formas de viver e agir.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

Pelotas [25]: 163 - 176, julho/dezembro 2005

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo:Cutrix, 1982.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

ELY, A. **Economia do meio ambiente**: uma apreciação introdutória interdisciplinar da poluição e qualidade ambiental. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1986.

FAJARDO, E. **Ecologia e cidadania: se cada um fizer a sua parte...** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 1989.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. Campinas: Papirus, 1996

LACOSTE, Y. **A Geografia; isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1989.

RATTNER, H. **Liderança para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Nobel, 1999.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____ **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos: 292)

RODRIGUES, A. M. A utopia da sociedade sustentável. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, n.2, p. 133-138, 1º semestre de 1998.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

VLACH,V. R. F. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1991.

ZUIN, A. A S, PUCCI, RO (org). **A educação danificada**. Contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

Maria Beatriz Junqueira Bernardes é professora do curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Formada em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, fez mestrado em Geografia na UFU, é doutoranda do curso de pós-graduação em Geografia da UFU. Sua pesquisa está voltada para a Educação Ambiental. Principais publicações são: Educación a distancia: sus contribuciones para la enseñanza de la Geografía, A crise Ambiental: Um breve resgate, Ensino de geografia e educação ambiental: desafios da práxis cotidiana, Educação a distância: sua viabilidade para capacitação de professores de Geografia.
E-mail: mbeatriz@uber.com.br

Valéria G. de Freitas Nehme é mestranda do curso de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Formada em Letras - UFU, especialização em Linguística Aplicada ao ensino e aprendizagem da língua materna - UFU. Publicações: Educación a distancia: sus contribuciones para la enseñanza de la geografía - A Geografia dos trópicos, O mutirão de limpeza na Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia: a pedagogia de projetos na práxis da Educação Ambiental, Ensino de geografia e educação ambiental: desafios da práxis cotidiana, Projeto bica bem-te-vi: festival de música ecológica, uma opção criativa para a prática da educação ambiental, As peculiaridades do negócio rural.
E-mail : vgfnehme@bol.com

Marlene T. Muno Colesanti é professora Dra do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Publicações: Educación a distancia: sus contribuciones para la enseñanza de la geografía - A Geografia dos trópicos, O mutirão de limpeza na Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia: a pedagogia de projetos na práxis da Educação Ambiental, Ensino de geografia e educação ambiental: desafios da práxis cotidiana, Projeto bica bem-te-vi: festival de música ecológica, uma opção criativa para a prática da educação ambiental, As peculiaridades do negócio rural.
E-mail : mmuno@ufu.br

Artigo recebido em outubro / 2004